

SABEDORIA DO VENTO

RICARDO MELANI

SABEDORIA DO VENTO



Copyright by Ricardo Melani, 2017



PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Flor do Lácio

REVISÃO: Véra Regina Alves Maselli

FOTO DA CAPA: Wagner Rochink, Casa do sertão - Jandaíra do Algodoeiro
- PB (foto invertida horizontalmente) - Licença Creative Commons

CC BY 2.0 - www.flickr.com/photos/rochink/

www.flickr.com/search/?text=casa%20do%20sert%C3%A3o

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Forma Certa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do livro, SP, Brasil)

Melani, Ricardo

Sabedoria do vento / Ricardo Melani. -- São Paulo
: Flor do Lácio, 2017.

ISBN: 978-85-94045-00-3

1. Romance brasileiro I. Título.

17-05941

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura brasileira 869.3

2017

Todos os direitos desta edição reservados à

FLOR DO LÁCIO

Rua Caraíbas, 1199 - 125B

05020-000 - São Paulo - SP

Telefone: (11) 3539-8305

flor@dolacio.com

Para minha mãe,
Judith Adriana Haltenhoff,
ao seu amor silencioso,
construtor de reinos de afetos.

Índice

Primeira parte

Capítulo I – A partida	9
Capítulo II – O bando do Das Pedras	20
Capítulo III – O feito e a fuga	35
Capítulo IV – A fazenda de Dom Teofrácio.....	49
Capítulo V – Acontecimento estrambótico	56
Capítulo VI – De volta à caminhada	67

Segunda parte

Capítulo I – O maior presente do mundo	72
Capítulo II – A emboscada	77
Capítulo III – A existência poderosa	82
Capítulo IV – A história de Salatiel.....	90
Capítulo V – As perdas	100
Capítulo VI – A morte, esse nada doce e quente	102
Capítulo VII – Admirável mundo novo	105
Capítulo VIII – O anúncio inevitável.....	111
Capítulo IX – As águas do tempo	112
Capítulo X – Deus, o diabo e a cozinheira	117
Capítulo XI – O mãe-da-lua.....	122
Capítulo XII – Tudo por um instante	124
Capítulo XIII – O mais profundo silêncio.....	125
Capítulo XIV – Exausta.....	126

Terceira parte

Capítulo I – A libélula, o louva-a-deus e o divino.....	127
---	-----

Quarta parte

Capítulo I – O esquisito revelador	130
Capítulo II – Os quatro irmãos	134
Capítulo III – A conversão	136
Capítulo IV – A vida beata	139
Capítulo V – Os desejos secretos	144
Capítulo VI – Tempo e infância	149

Quinta parte

Capítulo I – Brincando nos campos do Senhor.....	153
--	-----

Sexta parte

Capítulo I – Brincando com pensamentos	160
Capítulo II – O método	166
Capítulo III – A aplicação	169
Capítulo IV – Os resultados	171
Capítulo V – O diálogo (replicante?)	173
Capítulo VI – A traição	175
Capítulo VII – Jogos de linguagem	178
Capítulo VIII – “Certo!”	187

Sétima parte

Capítulo I – Na direção do segundo sol.....	188
---	-----

PRIMEIRA PARTE

Capítulo I – A partida

Não que eu não tenha credo. Acima está o Acima e o demais é tudo depois, mas se a gente não conta com o próprio pavio, com quem contará? Afinal, a gente avévi se der conta das coisas, senão, o passageiro é mais rápido. Crer mesmo é sentir sua própria valentia. É ela que segura a vida nesse mundo. Tem hora que é preciso mastigar pensamento e olhar devagarzinho para o inimigo. Não se pode contar as horas no distraído, porque isso pode diminuir os minutos. Às vezes, nem Deus nem o diabo interferem; tem-se que erguer momentos com as poucas carnes e mantendo o prumo.

Agora, quando a discórdia passa longe, então, é certo que Deus está presente. Basta ver as aves, que bicho divino mais bonito não há. Um bastião, por exemplo, é companheiro de viagem, assovia dando testemunho do diálogo. É um som fininho que incomoda, mas faz bem à gente. É ou não é? Na solidão do sozinho, ruído de um ser amigo é outra história. Até em casa é bom. Quem não gosta de um quem-quem? Bom pra homem, ruim pra cobra. Bicho rasteiro fica atazanado com a algazarra dos quem-quens que atacam em bicadas por todos os lados. Final da história: a cobra é morta e se conta mais um na proteção do homem. E quem não admira pirueta de andorinha? Vixe! Corta o ar, corta o ar, corta o ar, feito vento em linha reta e curva. É de deslumbre tamanha direção. Só Deus para dirigir um bichinho assim.

Mas Deus não dirige homem, não. Homem não é doce como andorinha. Só é doce no ver doçura, no entrevoio de andorinha. Se Deus dirige o homem, não há explicação para tanta azaração nas terras. Tem diabo que se esfrega no coração e deixa a carne sem vontade de carícia. Aí, fica tudo no cálculo da vantagem para si. Nem Deus entra na repartição.

Nem o próprio diabo, porque ele não conquista para sempre o destino de um passageiro. Senão também por que gente boa? À toa? Gente que ajuda no desmazelo da vida e dá água até para a morte. Por isso, acredito que cada um deve afiar a sua navalha, porque tudo é serviço próprio. Deus fica com as andorinhas, o tihoso com a discórdia, inflamando vaidades, e o homem que se cuida, contando os seus passos.

Sei de coisas, mas não escrevo ditado para ninguém. Minha vida, agora, é mais lembrança, e lembrança pode amargar, mas não mata. Ouça: fica tudo na minha cabeça como se fosse um livro. Na primeira página, tá mamãe. Minha sorte foi ser criança-adulta desde cedo. Atrás de mim, vieram mais três. Fizemos uma ladainha quando o quinto não veio e levou mamãe. Eu tinha doze e já era chefe.

Naquele tempo, não sabia o que viria depois. Era sonso, sincero. Ingênuo mesmo. Um cabritinho com medo da vida. Mas foi só tomar a responsabilidade da família que me senti fortalecido. Meus irmãos eram ainda mais desprovidos de malícia. Anjinhos como todos que estão perto do nascimento, pois o entortar de galho vem depois.

Então, minha vida era brigar por alimento. Foi daí que descobri por que minha finada mãe gostava tanto de babaçu. “Babaçu é amêndoa preciosa, Senhor!”, dizia ela, dia sim, dia não. Minha mãe tava certa: a semente dava leite, manteiga, farinha, sabão e vela. Se babaçu fosse alma, era a alma da caridade e da felicidade silenciosa. Nós completávamos o resto com açá e farinha de jatobá. Raramente apareciam leite de cabra e carne de ave.

Depois que a vida engrenou, dificuldade com dificuldade, não muito longe da morte de mamãe, sucedeu um caso que me engrandeceu rápido. Estava mais perto dos treze anos, foi quando apareceu parente distante dizendo que ia cuidar de meus irmãos e de mim. A cara dele me dava um pouco na lembrança. Eu disse que não carecia, que meus irmãos estavam ficando fortes como o jatobá. Mas depois de ter posto o pé dentro de casa, mudou-se com o corpo todo.

Sujeito asqueroso. Era grande, magro, meio torto, e falava babando. Sua barba era maior de um lado. Cabelo ralo. Seus dentes, onde havia, eram gastos pela mordedura desviada. Lábios finos e narinas grandes em um nariz abatatado. Orelhas de extensão disforme. Mas o mais malvado do sujeito, que respondia pelo nome de Querosene, eram os olhos. Mais escuros que assum-preto. Eles fitavam a gente com vontade de mando. Ao encará-lo, a primeira sensação sentida era de obediência e, depois de seu balançar de sobrolho, aparecia o medo da morte.

Querosene era a folgança em pessoa. Bicho acomodado que só trouxe piora para nós. Vevia na rede. O “cuidar de ocês” dele era o ocupar a pança com gota de nosso suor. Fio da mãe era saco de batata que falava. Aguentei tudo, digo que nem sei o porquê. Só fui aguentando. O miserável só queria serventia para os seus quereres e, contrariado, batia na gente. Fui aguentando... mas, quando o tinoso deu seu sorriso de dentes pulados pra Marietinha, a quase caçula, então sua sorte se escreveu na minha mente. Já vinha matutando e seu gracejo só apressou o meu ato. “Vou cortar pela raiz a sua intenção escondida no gracejo”, eu pensava no silêncio da meditação. E, na mesma noite desse pensamento, Querosene pagou a conta com o destino.

Foi tão fácil que me arrependi de não fazer antes. Qué dizê, a resistência foi pouca, mas eu hesitei muito para levar a minha primeira alma. Alma é modo de contar. Bicho ruim desse não tem alma; é feito de madeira de Satã. Mas tudo na primeira vez é difícil, e foi difícil dentro de mim; fora, foi fácil. Querosene estava arreado na rede, bebinho de mistura de vinho de açáí com cachaça. Eu já tinha afiado o facão de dia. O instrumento estava que era só corte. Olhei alguns segundos aquele desgraçado e enfiei com toda minha força o facão em sua goela. O metal atravessou seu pescoço e rasgou a rede. Querosene só foi arregalar os olhos, não viu o tanto de sangue que saía de seu corpo. Quase não

estrebuchou. Morreu no sem-barulho de um susto. Morreu melhor do que viveu.

Depois de executada a justiça, tive dois movimentos que não me explico: aguei o ensanguentado com minha urina e, ao amanhecer, fui ouvir pássaros. Voltei e acordei Matusalém, o irmão mais próximo de mim em idade. “O que quer, Lico?”, perguntou sonolento para mim. “Me ajude a acabar serviço”, e fiz sinal de silêncio. Levamos o nosso mal com rede e tudo para bem longe.

Matusalém sempre foi um lasquera, que me acompanhava para o que desse e viesse. Sofria comigo as tempestades que tem na existência. Tusa, como eu o chamava, era porreta. Eu guardava escondida no meu coração a admiração que tinha por ele ser tão forte no orgulho de ser reto. Às vezes, achava que ele era uma andorinha disfarçada de gente. Um animalzinho de Deus que, apesar de sua grandeza, sempre me obedecia. Eu guardava outro segredo: tinha mais medo das coisas da vida do que ele, mas, com ele, eu era pau-ferro. Ele me fortalecia em dobro. Seu cabelo moreno lisinho, sua boca fina, seu dizê “certo!”, tudo nele me lembrava amizade. Tinha o nariz mais fino de todos nós. Aliás, ele era todo fino. Sua barriga era sem esperança e suas pernas não faziam muita força.

“Tusa”, disse, olhando para seus olhos pequenos e carinhosos, “Tusa, não acha que Marieta deve partir? Ela vai ficá moça e não dá pra cortá goela de tudo que é Querosene na vida”. Tusa pensou como faísca, rápido, respondeu em um segundo: “Certo!” O acordo estava selado, a palavra tinha sido içada; agora o mais difícil era dar vida a ela nos próximos dias.

Eu me alembro de Marieta partindo. Seu jeito menina-mulher dizendo adeus. Eu tava certo mesmo: era melhor para ela ir embora, mas na hora era pior. Todo mundo ficou besta, com cara de zureta chorão. Tive ódio violento de Querosene; queria matar ele mais vezes. É sorte que tudo passa.

Marietinha foi-se para longe do nosso contato, em casa de parente de amigo em cidade distante. Mas suas faces ficaram. Ela era cor de fruta do jambeiro e de sobranceira grossa. Cabelo cacheado e bochecha saliente rosqueada de formosura. Tinha olhos não no mesmo prumo, diferença pequena que nada atrapalhava as vistas. Nariz nem achatado nem fino, orelhinha pequena e dentes grandes escorregados pra frente pra alegrar seu sorriso de menina. Sua boca era viva, beijoqueira que ela só. Até enchia no grude, mas a ausência de seu enroscado deixou vazio. Tinha dias que eu pagava por um beijo seu. Lembrança sua era consolo e desavença nessa vida torta.

Sem Marieta, eu fiquei mais próximo ainda de Tusa. Nós dois protegíamos o irmão caçula, Zezinho. Ele era flor bonita de tão frágil. Tinha problemas, não juntava ideias direito. Era bom com o mais malvado. Uma criança que nunca crescia e que fazia força para pouco dizê. Vivia nos escondidos e se atrapalhava com os outros que não a gente. Sobre isso eu não sei, não. Por que uns nascem bom do corpo e outros como tombadas? Parece tiroteio da sorte: bala gira pra todo lado e escolhe um. Se não é ocê, tu ficas alegre? Tua alegria avévi de tristeza dos outros? Eu sei que ele nem sente, mas eu brigo com os meus desencantos. Afinal, o que se ganha nesse jogo de desiguais?

De toda maneira, Zezinho era feliz e de vez em quando se aproveitava das suas dificuldades fazendo manha. Ele não era tão fora da vida, não. Pra ficar na rede, ele fazia das suas com ataques de nervos e soluços intermináveis. Bastava tocar na rede e pronto: tava tudo bom, seu corpo era controlável, sua palpitação acalmava.

Fiquei sob a proteção do jatobá até os quinze anos. Daí miséria empurrou a gente pra frente. O lugar secou. Fomos atrás de água e verde. Na semana da partida, eu ficava mais tempo a ver as aves. Vi demoradamente o Desconfia, um saí. Passarinho de palma da mão bonito num azul e verde

brilhantes que se misturavam. Eu chamava ele de Desconfia porque no começo bastava chegar perto pra ele abandonar a construção de seu ninho. Fez uns oito inícios de cortina de barba de velho. Disse adeus para o Desconfia, em pensamento. Acredito que ele entendeu, até balançar de cabeça ele fez pra mim. Me despedi também do João, um bonito-domato, e seu corpo verde e amarelo: “Até, meu encantamento!”, falei, em silêncio.

Quem se antecipou mostrando sua inteligência foi o quem-quem. O bicho sempre próximo de mim já ficou diferente durante dias. As baratas e os mosquitos passavam debaixo de seu bico e nada. Seu azul-escuro estava ainda mais escuro de tristeza. “Quem-quem, um dia a gente volta a cruzar caminho”, pensei, na mentira do consolo. Sabia que era o adeus sem volta.

Quem deu o ritmo à viagem foi Zezinho. Enquanto ele aguentava, a gente seguia. “Tá bem?”, perguntei um dia. “Tô”, respondeu ligeiro, demonstrando esperteza. Mas eu notava que ele tava encasquetado. “Por que está encasquetado?” Ele, que falava pouco, fez esforço pra se explicar em uma pergunta: “É verdade que se for pra frente a gente volta?”. Fiquei assim sem palavra: “Como... a gente volta?”. “Ora, a Terra não é redonda?”, indagou, olhando para os seus pés. Daí entendi a sua esperteza. Ele andava ligeiro a nossa viagem, pensando em voltar para de onde tinha saído. Quanto mais rápido, mais rápido será o retorno, pensava na sua cabeça de criança. E fez mais uma pergunta que ficou no ar da sem-resposta: “E se a gente for pra trás, a gente vai pra frente?”.

Fiquei com aquilo na cabeça. Zezinho falou na profundidade de sua inocência. Sem saber do peso de suas palavras, ele deu espaço para a dúvida. Nosso caminho é sempre tortuoso. O homem sempre tem um pé à frente e outro atrás. Além do mais, sua direção vagueia de acordo com os anseios das ideias. O que parece bom hoje, amanhã é ruim; o que era

feito passa a ser bonito e desejos dão voltas. Vontade sucede vontade e o certo e o errado trocam de lugar várias vezes. Ninguém sabe se está voltando ou indo. Afinal, para onde? Às vezes, parece tudo invenção, uma espécie de passatempo do tempo. O homem é bicho invencionice. É tudo criação da travessia.

No nosso caminhar, muito antes de chegar a qualquer destino, passamos por um vilarejo. Foi uma alegria encontrar gente humana, no meio de uma colina pedregosa. Todo mundo do vilarejo tinha vida enrugada pelo sol. Todos esperavam chuva e, no entanto, chegamos nós. Mesmo assim, tivemos boa acolhida. Houve até disputa de acolhimento. Miséria é ajuda. Acabamos ficando por duas noites em casa de dona Benedita, negra bonita de seus cinquenta anos.

Na recepção, ela ofereceu café e bolo de milho. Muito agradecemos a fartura, mas comemos pouco. O cansaço era bem maior que a fome. Zezinho nem triscou no bolo; ele apagou no instante de tocar o solo cedido. Era noite e seu sono prometia ir embora só de dia. O meu não ficava para trás e me alembro que meu relaxamento foi gostoso como um apagar de vela. A última coisa que percebi foi a grilagem lá fora...

Sonhei sonho de recompensa. Eu cavalgava entre iguais, comandando a vaquejada. As vacas eram um mundo e o pasto era mais verde que minha esperança podia pensar. A duzentos metros do pastoreio, corria um rio caudaloso, dessem que a água se embrulha em mais água e faz barulho pra demonstrar sua força. Lugar de sonho, onde tudo é justo de acordo com a necessidade do homem. Ao meu lado, Tusa, com seu jeito de ser bom. Tudo era conforme um desenho do desejo. De repente, sem um motivo vistoso, entraram no campo homens atirando. Uma bala de mira certa atravessou a cabeça de Tusa. No desespero da situação, eu acordei assustado, com tremedeira e revolta no coração. Abri o olho e dei um forte suspiro ao ver Tusa sonhando outro sonho. Tudo foi só um susto.

Mais calmo, arreparei no local. Ainda deitado, vi uma aranha no teto. Logo pensei no quem-quem. Tivesse o quem-quem, não teria a aranha. E me alembrei que tudo vévi numa correspondência. Tem um, porque tem outro. Tem dois, porque tem um. Tem preto, porque tem branco. Tem vida, porque tem morte. É sabedoria da própria travessia. E quem anda no equilíbrio da corda dos sins e dos não se dá bem.

A casa era simples, modesta igual à nossa que foi abandonada. Casa-casebre que já nasce velha como sofrimento que já aparece triste. Parede de barro com icó, pau a pique de um cômodo só. Num dos cantos estavam o fogão com a brasa sempre viva e as panelas de ferro. Noutra, erguia-se uma tábua sustentada por dois cavaletes, que fazia o lugar de mesa. Próximos, estavam dois escabelos velhos, um jirau com coisas de cerâmica, uma bolsa de caroa e uma canastra. Duas redes completavam toda a mobília.

Quando girava os olhos vendo os troços do local, encontrei o olhar certo de Benedita, que me descansou com a sua voz: “Dormiu bem?” E falava alguma outra coisa escondida entre seus olhos. Eu sentia algo. “Bem, feito gato”, respondi. “Para onde vão, nessas terras de lugar algum?”, perguntou, retorcendo seu beijo carnudo. “Procurar destino melhor de água e verde”, disse, sem desviar o olhar profundo. “Hum...Cabritinho, vai encontrar, queira Deus!”.

Dois dias só de descanso e de conhecimento de pessoas. Vilarejo alegre na desventura. Quase milagre. Engastado em chão ingrato e debaixo de clima que é só secura, impróprio para a vida. Mas lá estava o povo, como um juazeiro que mostra o verde tendo à volta solo grosseiro. Lá estava, dizendo que a vida da gente não é só conta, que nem tudo está no lápis e na certeza do certo. Lá estava o desafio do correto pela permanência do torto. Às vezes, a vida respira até por capricho.

Seu Miquelito foi fundador do vilarejo. Homem de sabedoria rude, que guarda lembrança com a experiência

do que vévi. Vai separando ideias boas das más até clareza dominar o espírito e aí ajudar a acabar com confusão dos outros. Pessoa bonita, pele morena em face tranquila. Voz calma, que determina pela certeza. Boca fina e rosto castigado pelo sol. Cabelo branco que protege mechas escuras e sobrolhos escassos que molduram os negros olhos pequenos. Tinha nariz agressivo, que destoava do rosto, e orelhas saltadas, mas pequenas. Usava um medalhão de Padre Cícero e um crucifixo soltos ao peito, encobertos pela sombra de uma barba escassa. Nos dois dias em que estive no vilarejo, suas vestes foram uma camisa solta, quase batina, e uma calça de algodão simples.

“Menino”, ele falava dentro de seu corpo arqueado, “tá na idade do destempero!” Ele mexia a cabeça enquanto falava. “Procura água e verde, mas eles não existem. Nada existe fora de nós”. “Como assim?”, retruquei. Mas ele continuava: “Por acaso, a gente põe na cabeça as coisas do mundo? Não, a gente põe pensamento. Pois é, a gente só conhece o pensamento que Deus dá. As coisas fora de nós são nós mesmos para fora. É pensamento andando. Então a água e o verde estão dentro de ocê. Fora, é extensão de desejo.”

Dei consentimento só por respeito, mas não por crença. Meu querer era tocar o verde e beber a água. Sentir os dois como raiz sugando alimento da terra, como planta que cresce no bem-bom e vévi no deixar-se ficar. Meu caso era de envolvimento com a vida e não só de pensamento. Muito embora vida também seja pensamento, eu queria campo e quem-quens por perto. Eu queria sentir cheiro de verde entrando pelo nariz e tocando suave a minha cabeça por dentro. Daí que a conversa com seu Miquelito teve efeito contrário: estava animado para seguir rumo no dia seguinte.

Tusa gostou do vilarejo, mas pregou certeza de cumprir o combinado de seguir viagem no dia seguinte. Zezinho, desde a chegada, já era pela partida. Como de costume, ele se alvoroçava com gente nova. Ficou dois dias no silêncio de si

mesmo, em rede estendida em casa de dona Benedita. Mas antes da partida, tive surpresa de fatos. Na noite do último dia, quando Tusa e Zezinho dormiam, encontrei novamente olhar de dona Benedita sobre mim. Experimentei inquietação, medo e, sobretudo, desejo.

Um instante pequeno, um pio no tempo de espera e, meio sem saber o porquê, estava próximo de Dita – passei a chamá-la assim. Olhar com olhar. Tentação com tentação. A vontade remoía. Tive meus cinco minutos de queimação por aquela mulher. Com olhar de sim, Dita disse: “Vem cá, Cabritinho.” E levou minha mão até seu peito. Nesse agora, o fogo tomou conta. Nunca tinha tido uma mulher.

Dita percebeu meu fervor e alertou: “Cuidado, senão a história acaba antes do fim”. Não sei o que ela disse. Ou melhor, sei, mas dá na mesma. Puxou-me. Deitamos na rede. Foi só tocar em seu corpo para o gozo explodir. Então, fiquei na vergonha: a história ia acabar antes do fim. Só pensava no que dizer. E comecei a ganhar tempo no namoro.

Ela era respiração em dobro. Fungava, remexendo com a minha mão o liso de sua pele. Parecia mais jovem no calor do envolvimento. Suas tetas cresceram e ela começou a cheirar desejo. Fui tirando sua roupa e mexendo em seu corpo. Era como se eu caminhasse para o próprio enterro. Eu a estimulava para ganhar tempo. Ela crescia em necessidade sem satisfação. Não sabia o que fazer. Comecei a pensar em pássaros. Será que algum saí-andorinha já passou por isso?

Dita tirou a calçola e decretou sentença: “Vem, mostra teu combate”. Veja a situação: meu exército estava em fuga e eu tinha de demonstrar que aquilo era ataque. Quando ia pedir rendição, Zezinho saltou na gritaria: “Tusa, acorda que tem briga!”. Tusa rapidamente respondeu ao pedido. Os dois correram em minha direção.

“O que há?”, perguntei para Zezinho. “Vim na ajuda, vi teu grude com essa mulher”, ele respondeu. “Não carece, é apenas uma brincadeira”, retruquei. Tusa percebeu o

que havia acontecido, puxou Zezinho para a rede. “É certo, vamos dormir”, disse, acalmando Zezinho.

Vixe! Zezinho foi mais que providência. Num instante de instante de instante, eu ia passar por fardola, sujeito que conta vantagens, mas não tem êxito nenhum. Mas a inocência de Zezinho foi mais rápida. Aproveitei dela e dei cabo da situação. Sem olhar para Dita, fui para o meu canto resmungando na contrariação fingida do balançar de cabeça: “Esse Zezinho!...”, falei, mas pensei feliz: “Viva esse Zezinho!”.

De manhã, Benedita era ao mesmo tempo sorriso e reprovação. Eu explico: estava chateada pelo não cumprimento da sua satisfação, mas sabia que eu era iniciante nas coisas da vida. Perdoava minha ação, mas o desejo ficou na ânsia de resposta. Dita era sim e não naquelas horas. Na despedida, foi ao meu encontro, abraçou-me e disse em cochicho: “Volta homem, que eu espero”. Foi ilusão. Partimos.